



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas
Licenciatura em Teatro UnB/UAB

AUDREY CARLA DA LUZ

**UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: AS
POTENCIALIDADES DO PROJETO “MARACATU DOS SONHOS” EM
PROCESSOS DE EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS NEGRAS DA
ESCOLA ESTADUAL PARQUE DOS SONHOS, CUBATÃO/SP**

SANTOS/SP

2023

AUDREY CARLA DA LUZ

**UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: AS
POTENCIALIDADES DO PROJETO “MARACATU DOS SONHOS” EM
PROCESSOS DE EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS NEGRAS DA
ESCOLA ESTADUAL PARQUE DOS SONHOS, CUBATÃO/SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes (Ida) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para a finalização da Licenciada de Teatro.

Orientador: Prof. Ms. Ricardo Cruccioli Ribeiro

Profa. Formadora. Dra. Sulian Vieira Pacheco

SANTOS

2023

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AUDREY CARLA DA LUZ

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: AS POTENCIALIDADES DO PROJETO "MARACATU DOS SONHOS" EM PROCESSOS DE EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS NEGRAS DA ESCOLA ESTADUAL PARQUE DOS SONHOS, CUBATÃO/SP

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Teatro da estudante **Audrey Carla da Luz**, apresentado à Universidade de Brasília - UnB, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Teatro, período 2023.2, com nota final igual a **SS**, sob a orientação do professor Mestre Ricardo Cruccioli Ribeiro.

Santos-SP, 14 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Ricardo Cruccioli Ribeiro

Orientador

Prof. Dr. Alisson Araújo de Almeida- IdA/CEN/UnB

Examinador

Prof. Me. Paulo Reis Nunes

Examinador



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Reis Nunes, Usuário Externo**, em 26/12/2023, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Cruccioli Ribeiro, Usuário Externo**, em 26/12/2023, às 14:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Alisson Araújo de Almeida, Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes**, em 26/12/2023, às 14:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10691175** e o código CRC **124D66BF**.

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos batuqueiros do Projeto Maracatu dos Sonhos, que me proporcionam a alegria do aprendizado, das trocas de saberes e a vivenciar o Maracatu de forma ímpar na escola.

Ao Henrique da Luz Rocha, meu filho mais novo, por me incentivar e, mesmo nas horas de angústia, me indicar os caminhos e não me deixar desistir... Axé!

À minha família Luz.

À minha família Quiloa Maracatu, por todo apoio e incentivo, especialmente aos meus mestres Felipe Romano e a Carol Real, por me ensinar a ensinar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os funcionários e aos professores tutores Francisco e Camila, do Polo Santos-SP.

Agradeço aos professores da UNB, em especial ao meu orientador Prof. Ms Ricardo Cruccioli Ribeiro, por me incentivar, pela paciência, disponibilidade, respeito, escuta e amorosidade que foi essencial para meu desenvolvimento ao longo da construção deste TCC.

Ao Sr. Regis Marques Ribeiro Diretor da Escola Parque dos Sonhos, à Sra. Izabel Cardozo, vice-diretora, às coordenadoras Deborah Sant'anna, Eliete Aparecida e Maria Cristina Silva, e à Professora amiga e parceira Margareth Raphael. Gratidão por acreditarem que a educação antirracista é possível e por contribuir com o Maracatu dos Sonhos.

Ao amigo, professor Edelton Menezes, pelo incentivo, direção e força.

À equipe de professoras e professores, de tutoras e tutores, de coordenação do curso e da secretaria da Graduação em Teatro UnB/UAB. Todas e todos vocês foram importantes em minha formação ao longo desses quatro anos que passamos juntos e juntas.

À banca avaliadora deste trabalho, pelas contribuições que certamente me chegarão.

Axé!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema a educação antirracista, em recorte que se faz a partir do seguinte objetivo geral: abarcar o processo de empoderamento de crianças negras na perspectiva da educação antirracista, por meio da análise do projeto “Maracatu dos Sonhos”, que é realizado desde 2018 na Escola Parque dos Sonhos, na cidade de Cubatão/SP, com a finalidade de evidenciar as potencialidades da cultura popular no enfrentamento do racismo em ambiente escolar. Para realizar a pesquisa, foram definidos procedimentos metodológicos a realização de estudos sobre o tema, os conceitos abordados e o Maracatu; a descrição e análise do projeto “Maracatu dos Sonhos”; o colhimento de relatos de pessoas pertencentes à comunidade escolar que possuem contato com o projeto; e a aplicação de um questionário com algumas crianças negras, que integram o projeto. Enquanto conceitos, esse trabalho perpassa principalmente pelas noções de empoderamento, a partir de Joice Berth (2019) e Djamila Ribeiro (2018), ancestralidade, na concepção de Eduardo Oliveira (2020) e Alberto Costa (2015), e educação antirracista, nas palavras de Ribeiro (2018; 2019), Silva (2019) e Costa (2015). Com os resultados alcançados, concluiu-se que o projeto “Maracatu dos Sonhos” tem sido de grande importância no empoderamento de crianças negras da Escola Estadual Parque dos Sonhos de Cubatão/SP.

Palavras-chave: Educação antirracista, Maracatu, Empoderamento de crianças negras.

Trate bem sua cultura, porque ela é um bem,
Se você não cuidar dela, você não será ninguém.

Quem plantou teve o cuidado

De deixar pra quem convém,

É fruto dessa árvore,

Que alimenta muito bem!

Mestre Móa do Katendê

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: D. Sônia Calunga do Quilo Maracatu nos braços de Soraia, Dama do Paço	17
Figura 2: Apresentação do Quiloa Maracatu no Carnaval Multicultural de Recife, 2010	25
Figura 3: Momentos de intercâmbio e trocas de saberes Quiloa-Mestre Chacon Viana e Quiloa-Contramestre Deivison Guian.....	26
Figura 4: Quiloa em momentos de troca com a comunidade: imersão à cultura do Maracatu.....	26
Figura 5: Oficineiros e algumas crianças participantes do Quiloa Mirim, Santos/SP – 2016.....	27
Figura 6: Escola Estadual Parque dos Sonhos, Cubatão/ SP	29
Figura 7:Primeira turma do “Maracatu dos Sonhos” em momento de culminância de projetos: Tambores de Lata, em dezembro/2018	31
Figura 8: crianças que integram o “Maracatu dos Sonhos” em oficina de percussão..	33
Figura 9: Cortejo do Maracatu dos Sonhos, 2022.....	33
Figura 10: crianças que integram o “Maracatu dos Sonhos” em ensaio do Quiloa Maracatu.....	34
Figura 11: crianças que integram o projeto e que compõem a Corte do Maracatu dos Sonhos no Cortejo do Quiloa Maracatu Santos/SP - janeiro/2023	34
Figura 12: participação de algumas crianças que integram o Maracatu dos Sonhos na Roda Cultural da Escola Estadual Júlio Conceição, Cubatão/SP – setembro/2023.....	34
Figura 13: Apresentação das crianças do Maracatu dos Sonhos em parceria com o Quiloa Maracatu no Instituto Federal de Cubatão/SP para o Ministro das Relações Internacionais Alexandre Padilha, abril/2023	35
Figura 14: Professora Margareth Raphael e eu: parceira no projeto Maracatu dos Sonhos	36
Figura 15: Professora e estudantes do “Maracatu dos Sonhos” após apresentação na Escola Parque dos Sonhos.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: O MARACATU E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	13
1.1 - Um pouco sobre o Maracatu	13
1.1.1 - O Maracatu e a Rua	16
1.2 - A educação antirracista: um ato de resistência	18
1.3 - A educação antirracista em território de Maracatu	22
CAPÍTULO 2 - O MARACATU E O EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS	
NEGRAS NA ESCOLA.....	24
2.1 - O Quiloma Maracatu de Santos/SP	24
2.2 - O Maracatu chega à escola. A escola acolhe o Maracatu	28
2.3 - O projeto “Maracatu dos Sonhos”	31
2.4 - Enegrecer: o empoderamento de crianças negras	38
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Peço licença para abrir este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) reverenciando toda a ancestralidade, a vivência, a cultura de matriz africana, a educação antirracista, a educação de terreiro, a história africana e afro-brasileira, os quilombos urbanos, a identidade e a luta dos povos negros por me ensinarem e contribuírem tanto com os estudos que realizei até aqui.

Esta pesquisa tem como tema a educação antirracista, que é abordado na perspectiva do empoderamento de crianças negras, a partir da descrição e análise do projeto educativo “Maracatu dos Sonhos”, de autoria desta graduanda, que se realiza desde 2018 na Escola Estadual dos Sonhos, em Cubatão/SP.

Tanto o projeto mencionado, quanto a pesquisa a qual descrevo neste trabalho nasceram de inquietações, pessoais e profissionais, que me movem constantemente em direção ao enfrentamento do preconceito e da discriminação raciais em ambiente escolar: um grande problema para o desenvolvimento afetivo, de aceitação, de construção identitária e de reconhecimento e valorização da ancestralidade de crianças negras que sofrem diretamente as agressões e injustiças que rodam as escolas, sendo, elas, em diversos casos, afetadas negativamente desde a infância até a vida adulta.

Em relação a isso, por vezes são noticiadas histórias de racismo direcionado a crianças em ambientes escolares em que algumas pessoas pertencentes a equipes de direções, corpos docentes e demais núcleos de profissionais das escolas, mesmo estando cientes dos fatos, se omitem: preferem manter as violências a lidar com o problema. Esse trecho mostra, como afirma Silvio Almeida (2019), que o racismo em nossa sociedade é estrutural. Para o autor (2019),

É preciso compreender o racismo como um fenômeno estrutural, visto que ele molda a mentalidade coletiva e constitui as relações cotidianas em sociedade. Em outros termos, o racismo está imbricado na estrutura social por meio da Ideologia, do Direito, da Política e da Economia, conferindo desvantagens ou benefícios a partir da racialização do indivíduo. (ALMEIDA, 2019, p. 44)

Djamila Ribeiro (2019, p. 43), por sua vez, afirma que “por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade”. Ou seja, a escola é reflexo dessa sociedade que pratica diversas violências contra pessoas negras e que em muitos casos nada é feito.

Ainda nesse sentido, embora de um outro ponto de vista, o que não anula as violências, pelo contrário, pois este é um caminho importante em processos de educação antirracista, alguns profissionais, como se fosse uma alternativa válida, ignoram a obrigatoriedade e optam por não tratar de questões relacionadas à diversidade racial em suas disciplinas e salas de aula, negando às suas e aos seus discentes, por exemplo, conforme tratam as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, o ensino de histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígenas. Ou seja, colaboram com a manutenção somente de um protagonismo branco.

Foram dessas inquietações – as motivações para a realização deste trabalho –, que surgiu a pergunta problema desta pesquisa: Como o Maracatu, enquanto manifestação popular praticada em ambiente escolar, pode contribuir no empoderamento de crianças negras? Empoderamento coletivo, pois “[...] o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido” (ARENDDT apud BERTH, 2019, p. 19). E se o poder é coletivo, o empoderamento de crianças negras também é, como colocado por Joice Berth (2019, p. 23), um modo eficiente de romper “concomitantemente com o que está posto”.

Feito isso, definiu-se como objetivo geral abarcar o processo de empoderamento de crianças negras na perspectiva da educação antirracista, por meio da análise do projeto “Maracatu dos Sonhos”, que é realizado desde 2018 na Escola Parque dos Sonhos, na cidade de Cubatão/SP, com a finalidade de evidenciar as potencialidades da cultura popular no enfrentamento do racismo em ambiente escolar.

Como objetivos específicos foram elencados os três seguintes:

- Retratar o projeto “Maracatu na Escola”, contextualizando a instituição de ensino e a comunidade em que ele está inserido, para que o grupo de estudantes contemplado por esse projeto e o cotidiano escolar vivenciado por ele possa ser apresentado.
- Realizar estudos bibliográficos sobre o tema e os conceitos abarcados no TCC a fim de embasar os argumentos que serão apresentados.
- Realizar entrevistas com crianças participantes do projeto e outras pessoas que, de algum modo, também têm contato com o “Maracatu dos Sonhos”, com o

propósito de verificar indícios que demonstrem o impacto do projeto para o empoderamento de crianças negras.

Expostos os objetivos, considerando a importância da educação antirracista em nossa sociedade, defendo que esta pesquisa se justifica, primeiro, por contribuir, enquanto registro, com discussões acadêmicas que versem sobre temática e recortes iguais ou semelhantes aos que se fazem aqui. Também se justifica por somar força a outros projetos que, do mesmo modo que o que se analisa neste TCC, têm como propósito o enfrentamento de preconceitos e discriminações raciais em ambientes escolares. Por fim, é uma pesquisa que colabora com a visibilidade positiva de uma manifestação popular brasileira: o Maracatu.

Para realizar a pesquisa, foram definidos como procedimentos metodológicos a realização de estudos sobre o tema, os conceitos abordados e o Maracatu; a descrição e análise do projeto “Maracatu dos Sonhos”; o colhimento de relatos de pessoas pertencentes à comunidade escolar que possuem contato com o projeto; e a aplicação de um questionário com algumas crianças negras, que integram o projeto. Enquanto conceitos, esse trabalho perpassa principalmente pelas noções de empoderamento, a partir de Joice Berth (2019) e Djamila Ribeiro (2018), ancestralidade, na concepção de Eduardo Oliveira (2020) e Alberto Costa (2015), e educação antirracista, nas palavras de Ribeiro (2018; 2019), Silva (2019) e Costa (2015).

Para facilitar a discussão que se pretende com a pesquisa, este TCC foi dividido em dois capítulos. O primeiro tem como foco tratar o Maracatu como prática não dissociada da educação antirracista: manifestação popular, por natureza, produtora e distribuidora de ações que educam contra preconceitos e discriminações raciais. Para isso, apresenta uma breve história do Maracatu, perpassando pelo Maracatu de Baque Virado; aborda a relação Maracatu e rua; adentra na educação antirracista e, então trata dessa educação em espaços de Maracatu.

Já o segundo capítulo: “o Maracatu e o empoderamento de crianças negras na escola”, é a sessão em que abordará o projeto “Maracatu dos Sonhos”, destacando o empoderamento de crianças negras que fazem parte dele. Nesse caso, o capítulo faz breve descrição sobre o Quilôa Maracatu de Santos/SP, fala de como eu levei a cultura do Maracatu para dentro da escola, com o foco no “Maracatu dos Sonhos” e ao final trata do empoderamento das crianças negras. Ao término, são apresentadas as conclusões do trabalho.

CAPÍTULO 1: O MARACATU E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

1.1 - Um pouco sobre o Maracatu

Com base em algumas conversas que tive neste ano de 2023 com o Mestre Felipe Romano, do Quilôa Maracatu de Santos/SP, do qual faço parte, e de algumas pesquisas para este trabalho, como os textos: “A Corte dos Reis do Congo e os Maracatus do Recife” (1999) e “Estudos sobre a escravidão negra (1988), ambos de Leonardo Silva, e “Maracatus-nação Resignificando Velhas Histórias” (2005), de Ivaldo Lima, o Maracatu surgiu no estado de Pernambuco em meados do século XVIII. É uma manifestação cultural que tem relação com a cultura trazida pelos povos africanos, aqui escravizados, como forma de resistência em relação à colônia portuguesa.

Além disso, é composto por música e dança com referências às práticas religiosas relacionadas, em especial, às religiões de terreiro (candomblé ou xangô, como é mais conhecido em Pernambuco, jurema e umbanda), mas ainda, em alguns aspectos, e considerados os sincretismos religiosos, com a religião católica, como quando são realizados os cortejos.

Segundo o dicionário virtual Tupi-Guarani¹ (2023, n.p.), a palavra Maracatu “vem do Tupi Guarani “maracá-tu = batido de maracá. Ritmo proveniente da Zona da Mata de Pernambuco, podendo ser de Baque virado ou de Baque solto, a presença de instrumentos percussivos torna o ritmo frenético”. Além disso, Leonardo Silva (1988) diz que:

o termo maracatu é também relacionado como denominação dos cortejos dos dignitários negros que, costumeiramente, compareciam às festas religiosas de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes. Esses ajuntamentos, a partir dos anos do mesmo século, passaram então a acontecer em períodos fora das festas do Rosário, como se depreende da reclamação do rei do Congo, Antônio de Oliveira, à câmara Municipal do Recife na sessão de 28 de abril de 1851. (SILVA, 1988, p. 34-35)

Como afirmado no dicionário aqui utilizado, o Maracatu se divide em dois movimentos: Maracatu Nação, conhecido como Baque virado, e o Maracatu Rural, conhecido como Baque solto. Com suas características próprias e movimentos distintos, Mestre Felipe Romano fala que “o Maracatu Nação é mais antigo, é a representação da coroação dos reis e rainhas do Congo. E o Maracatu Rural teve em

¹ Dicionário online disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br>. Acesso em 13/07/2023.

sua origem com os trabalhadores rurais dos engenhos de cana de açúcar” (Mestre Felipe Romano – Quilôa Maracatu de Santos/SP, 2023 – fala oralizada).

O Maracatu de Baque virado, o foco deste TCC, já que o projeto “Maracatu dos Sonhos”, que será descrito no próximo capítulo, dialoga com ele e não com o Rural, teve suas manifestações iniciais no estado de Pernambuco, em especial nas cidades de Recife, Olinda e Igarassu. Considerando as referências utilizadas anteriormente, é uma mistura das culturas indígenas, africanas e europeias. É conhecido por Baque virado porque este é um dos "toques" característicos do cortejo (a viração), onde o ritmo compassado, em alguns momentos das “Loas” é mais gingado.

Em acordo com essas referências, nas Nações de Maracatu havia negros de vários locais do continente africano, de Angola principalmente. Com o tempo foi restando apenas a tradição do cortejo, sempre seguindo os costumes da hierarquia e sucessão de seus participantes. Os Cânticos, hoje conhecido por “Loas” (Músicas entoadas), seguem com características religiosas e cultos aos orixás, que nos leva a sentir toda a força dos antepassados.

Segundo Silva (1999), historicamente os cortejos dos Reis do Congo e das demais nações africanas tiveram suas presenças registradas nas festas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e nas de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes. Os reis negros, em especial o Rei do Congo que possuía uma hierarquia própria sobre os membros das demais nações africanas residentes em Pernambuco, compareciam às festas religiosas protegidos pela umbrela: um grande pátio redondo de várias cores, ladeado por dignitários de suas respectivas cortes.

Os cortejos eram abertos pela bandeira da Nação, juntamente com outras bandeiras arvoradas. E acompanhados por instrumentos de percussão, nem sempre ao gosto da população branca. Surgiram pelas coroações dos reis e rainhas do Congo que eram eleitos e eleitas e se tornavam lideranças entre os escravizados.

Assim surgiram as manifestações de cultura popular que realizavam encontros das manifestações populares como o Maracatu de Baque virado estabelecendo uma ligação com a religiosidade do Candomblé. O Maracatu foi tomando espaço e passou a pertencer ao Carnaval de Recife.

Os maracatus nação são pródigos no compartilhamento de práticas e memórias. Homens e mulheres que em algum momento pertenceram a outros maracatus são celebrados nos dias atuais como antepassados ou referências históricas. Dona Santa, Madalena, Luiz de França, Eudes Chagas, dentre outros, não são apenas nomes de pessoas que já morreram, mas ilustres personagens de uma história que ainda hoje é contada por homens e mulheres de diferentes gerações. O Elefante atual, localizado na comunidade da Bomba do Heméterio, proclama-se continuador e herdeiro do legado de Dona Santa e de Maria Madalena. Leão Coroado de Águas Compridas e Centro Grande Leão Coroado disputam a condição de serem os herdeiros de Luiz de França. Eudes Chagas é reivindicado pelo atual Porto Rico. De certa forma, todos os grupos se consideram partícipes de um passado distante, incerto e imaginário, em que outros maracatus saíam às ruas e desfilavam durante o tríduo momesco (IPHAN, 2023, p. 21)

Nos cortejo do Maracatu destacam-se, nessa ordem as seguintes pessoas / personagens:

- O Porta-estandarte, que trajado de Luis XV carrega o estandarte com o nome da agremiação e a data de fundação. Essa figura, em seus movimentos, reverencia e abre caminho para os demais.
- As Damas do Paço, mulheres que cumprem com obrigações religiosas para poderem pegar e carregar as Calungas. As Calungas são as bonecas, também ricamente vestidas, que representam antigos ancestrais (eguns) ou orixás.
- O Caboclo Arreamar também aparece entre os personagens que abrem o cortejo. É um indígena, que carrega arco e flecha (preaca) e usa grande cocar enfeitado de penas.
- As Baianas ricas. Algumas possuem vestimentas que se assemelham aos axós (saias utilizadas nos terreiros).
- As Catirinas, que acompanham o Cortejo Real nas laterais e normalmente trajam vestimentas confeccionadas com chitão florido.
- Os Lanceiros constituem uma guarda que simbolicamente deve proteger o casal real. Em geral trazem consigo uma lança e um escudo, além de fantasias que os definam como soldados.
- O Casal Real é a corte propriamente dita, constituída de casais nobres trajados a Luís XV, cujas fantasias são ricamente adornadas, bordadas com lantejoulas, demonstrando todo o luxo e glamour que caracteriza a estética dos Maracatus Nação.

- O Rei e Rainha, que estão sempre protegidos pelo pátio, símbolo da realeza, e circundados por Pajens, Porta-leque, Porta-abajur e a Guarda Real, que pode ser constituída pelos soldados romanos e ou por lanceiros com fantasias diferenciadas.
- A Ala dos Escravos, quem fecha o cortejo. As pessoas que fazem parte dessa ala carregam instrumentos de trabalho (pás, foices, enxadas).

Todos esses elementos conduzem o Rei e a Rainha, que são anunciados pelo conjunto percussivos, o Baque constituído por alfaia (tambor), agbê, caixa, milheiro, atabaque e gonguê. Além disso, todos eles, o cortejo, nos leva para a rua, lugar de celebração do Maracatu.

1.1.1 - O Maracatu e a Rua

Diante dos elementos sagrados do Maracatu e das religiões africanas, compreende-se que o Maracatu é o terreiro (Ilê) na rua. Uma Nação de Maracatu está ligada a um terreiro de candomblé, com a ancestralidade, com a educação de terreiro. Para Alberto Costa (2015):

No âmbito afro-brasileiro, a ancestralidade consiste na representação de pessoas que dedicaram sua vida pela continuidade e preservação da memória dos valores e bens culturais da família e/ou da linhagem grupal. Os ancestrais situam-se em outro plano da existência, são consagrados e muitas vezes divinizados quando realizaram atos excepcionais em sua trajetória terrena. Ao passar para o mundo espiritual, acredita-se que os antepassados “adquirem potencialidades que podem ser usadas para beneficiar seus familiares que ainda estão na Terra” (BENISTE, 2008, p. 190). A crença na influência mútua dos níveis existenciais ocupa lugar fundamental no ato de educar nas culturas africanas. (COSTA, 2015, p. 78)

Complementando, Eduardo Oliveria (2020), relata que:

A Ancestralidade faz com que a gente possa se compreender individualmente e, ao mesmo tempo, coletivamente e em fluxo. Ancestralidade entra aí como uma trajetória aberta, mas com certa direção. Aberta porque dialoga dentro de contextos, com direção porque tem um vínculo, neste caso com o continente africano e com a diáspora. A ancestralidade é a nossa identidade coletiva. Diz quem somos, mas não nos traduz. Ela nos discursa. A ancestralidade é o nosso discurso de pertencimento. (OLIVEIRA 2020. Pag. 6)

E esta relação da religião com as Nações de Maracatu, como fundamento ancestral, é passado através das práticas e vivências destas manifestações religiosas. Conforme as conversas que tive com o Mestre Felipe Romano (2023), considerando também as leituras realizadas, a relação do Maracatu Nação com os cultos afrodescendentes, com o Xangô ou a Jurema, é nodal na definição identitária dos

Maracatus, e na sua legitimação enquanto manifestação autenticamente popular, uma vez que um maracatu só é considerado "autêntico" e "legítimo" se for uma nação de Xangô.

O sagrado das Nações nas ruas é representado pelas Calungas, que são bonecas que representam os ancestrais negros.

Figura 1: D. Sônia Calunga do Quilo Maracatu nos braços de Soraia, Dama do Paço



Fotografia de Rogério Sant'ana, 2023

As “bonecas” e instrumentos da nação passam por rituais (obrigação) de encantamento e energia, e permanece reservado até os dias de Carnaval, momento de apresentar o Maracatu na Rua. A dama de Paço é responsável por carregar esse “axé” de grande importância para a Nação. As mulheres destinadas a levar a boneca na saída do Maracatu, juntamente com as próprias Calungas, passam por determinações para sair no carnaval: são limpezas, banhos, rituais e preceitos para que cortejo aconteça.

A manifestação cultural Maracatu se mistura com a religião, é o sagrado que se integra as expressões entre as pessoas que se reconhecem e pertencem a ele, é o povo do axé (me refiro a designar na sua totalidade a casa de santo e sua linhagem), a existência juntamente com as tradições africanas e vividas nos Ilês. Aqui a ancestralidade é o principal elemento de organização e estrutura do povo de santo, é a construção da identidade do negro brasileiro. Os mais velhos nos ensinam que o tempo é o guardião da ancestralidade, Iroko é o orixá do Tempo.

Em acordo com Oliveira (2021), os Orixás são as forças da natureza que se completam. Ou seja, um não existe sem o outro. É um equilíbrio. Para o autor, “o

sagrado, na verdade, permeia todos os espaços do universo africano. Ele impregna com sua força vital qualquer esfera da vida comunitária dos negros, tanto em África como nos outros continentes para onde tenham ido os negros da Diáspora” (OLIVEIRA, 2021, p. 56).

As religiões africanas, assim como o candomblé, são comunitárias, o que expressam suas concepções de vida e de universo. Existe uma preocupação com o bem-estar de todos: a realização dos rituais é o equilíbrio social e espiritual da comunidade. A religião busca sempre compreender o contexto social para lutar pela comunidade. Com base em Silva (1988) e nas conversas com Mestre Felipe Romano (2023), é possível dizer que desde a colonização essas religiões eram reprimidas. Assim pessoas escravizadas se vestiam como santos católicos como forma de esconder (disfarçar) suas divindades, o que contribuiu para a analogia que se faz entre os santos católicos e os orixás. Sérgio Ferreti (2013), diz que:

O sincretismo nas religiões afro-brasileiras não representa um disfarce de entidades africanas em santos católicos, mas uma “reinvenção de significados” e uma “circularidade de culturas”. Trata-se de uma estratégia de transculturação refletindo a sabedoria dos fundadores destas religiões também trouxeram da África e eles seus descendentes, ampliaram no Brasil. Em decorrência do sincretismo, podemos dizer que as religiões afro-brasileiras têm algo de africano e de brasileiras sendo, porém diferentes das matrizes que as geraram (FERRETI, 2007, p.10).

Ou seja, os sincretismos religiosos são as racionalidades impostas pelo cristianismo brasileiro às religiões africanas: a imposição da fé dos colonizadores para os povos originários, passando pela proibição dos cultos africanos, onde parte dos ritos foram adaptados aos santos católicos. Uma estratégia de sobrevivência.

Dito isso, a cultura de matriz africana, que se presencia nas ruas por meio dos Maracatus, é um elo entre o sagrado e o profano, mantém o equilíbrio dos ciclos entre a vida e a morte. O valor do sagrado está na natureza e está ligado aos antepassados e a identidade.

1.2 - A educação antirracista: um ato de resistência

Dou início a este tópico, como forma de manifesto, destacando a Lei 10.639 de 2003, que se tornou um marco na educação antirracista em ambientes escolares ao determinar a obrigatoriedade do ensino de história e de cultura africana e afro-brasileira na educação básica. Isso é um avanço em nosso processo educacional, uma

conquista que deve ser celebrada. Como fala Anderson Oliva e Maria Da Conceição (2023)

A Lei 10.639/03 deve ser inexoravelmente pensada como resultado da insurgência, da ação anticolonial e da luta antirracista dos movimentos sociais e intelectuais negros/as e seus/as aliados/as que por décadas denunciaram e travaram batalhas contra o racismo e o colonialismo intelectual que sempre estiveram nos alicerces da nossa história e do sistema educacional. (OLIVA; DA CONCEIÇÃO, 2023, p. 8)

Além disso, abarcando outro motivo para o celebrar, Oliva e Da Conceição (2023), ao falarem dos ganhos que tivemos com a Lei, colocam que

Ainda como desdobramentos dos primeiros impactos causados pela Lei 10.639/03, vários curso de especialização e de formação de professores/as, enfocando as temáticas africana, afro-brasileira e antirracista foram ofertados por diversas universidades, pelo Ministério da Educação (por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, SECAD) e por Secretarias de Educação de diversos estados e municípios. (OLIVA; DA CONCEIÇÃO, 2023, p. 15)

Mas se comemorar é importante, inclusive por sabermos que práticas pedagógicas antirracistas estão sendo realizadas em escolas de todo o Brasil, por outro lado, vinte anos depois, devemos reconhecer que ainda precisamos trabalhar muito a favor de que a educação antirracista seja uma realidade em todos os lugares, em especial nos ambientes educacionais. Vale lembrar, no que se refere às comunidades negras, como fala Joice Berth (2019), que:

A população negra foi confinada, entre outras práticas, à desumanização de escravizados de ontem e de hoje – ainda que a escravidão de hoje seja oculta e consequente de séculos de escravização de fato, já que a abolição completa da escravização de pessoas negras nem foi processada de maneira correta pela sociedade e avançou pouco mais do que algumas mudanças de legislação, muito devido à negação de saberes, produção e potencial intelectual negra que foi, é e tem sido mais um caminho eficiente para mantê-la no lugar da subalternidade. (BERTH, 2019, p. 60)

Infelizmente, ainda há escolas e pessoas que fazem parte delas, que não reconhecem a importância de educar em favor de enfrentar as violências de raça. Segundo COSTA 2015, na escola ainda existe recusa às culturas africana e afro-brasileira, que nasce de intolerância religiosa e do racismo que se manifesta nos discursos violentos contra os adeptos de religiões de matriz africana.

Vemos ataques sistemáticos nos veículos de comunicação às religiosidades afro-brasileiras. O crescimento do fundamentalismo religioso nos últimos anos pode ser percebido pelo aumento do número de representantes políticos em um parlamento onde a laicidade do Estado não tem sido respeitada, ameaçando o avanço das conquistas pelos direitos humanos. (COSTA, 2015 p.15)

Também como exemplo do que quero dizer, durante esta pesquisa descobri que a escola que atuo com o Projeto “Maracatu dos Sonhos”, um projeto de educação antirracista, não dispõe do número de alunos, funcionários e professores negros, pardos, indígenas e brancos. Algo aparentemente bobo, mas que contribui com a manutenção de ações preconceituosas e racistas. Na ocasião, fiz esse questionamento: como e de que forma podemos desenvolver projetos voltados à diversidade racial sem reconhecer o próprio aluno?

Expus esse fato não como forma de atacar o meu local de trabalho, mas de problematizar o que necessita ser problematizado e esperançosa de que esse questionamento alcance a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para que juntas: escolas, docentes e Secretaria, possamos buscar soluções para algo que se mostra urgente: uma educação que acolha e seja para todas as pessoas, pois esse é o caminho para a construção de uma sociedade melhor.

Djamila Ribeiro (2019) fala que

Um ensino que valoriza as várias existências e que referencia positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizadas que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades.

Não podemos nos satisfazer com pouco. Apesar de termos avançado nas últimas décadas, não podemos achar que foi o suficiente. Não basta ter um ou dois negros na empresa, na TV, no museu, no ministério, na bibliografia do curso. Se disserem que ser antirracista é ser “chato”, tudo bem. Precisamos continuar lutando. (RIBEIRO, 2019, p. 41-42)

Antes de lutar, porém, precisamos saber que a desigualdade racial é vivida no Brasil há tempos e que por isso, praticar uma educação antirracista, com ações que contribuam no enfrentamento do racismo, exige que compreendamos que em nossa sociedade o racismo é estrutural. Ou seja, ele está presente em todas as instâncias e contextos de nossa sociedade e se manifesta de diferentes formas: de ditas brincadeiras a agressões físicas (Almeida, 2019).

Além disso, implica saber, ciente dessa estrutura, que o “racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele” (RIBEIRO, 2018, p. 39). E que desde a colonização o povo brasileiro é educado e escolarizado para a manutenção e propagação do racismo. Como diz Ribeiro (2019)

[...] a maioria das pessoas admite haver racismo no Brasil, mas quase ninguém se admite como racista. Pelo contrário, o primeiro impulso de

muita gente é recusar enfaticamente a hipótese de ter um comportamento racista: “Claro que não, afinal tenho amigos negros”, “Como eu seria racista, se empreguei uma pessoa negra?”, “Racista, eu, que nunca xinguei uma pessoa negra?”.

A partir do momento em que se compreende o racismo como um sistema que estrutura a sociedade, essas respostas se mostram vazias. É impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre. (RIBEIRO, 2019, p. 37-38)

Com isso é possível dizer que educar para enfrentar ações racistas cotidianas e o racismo estrutural é necessário e urgente em nossa sociedade. E que transformações positivas no enfrentamento do racismo em ambientes escolares acontecem quando se reconhece a existência do racismo dentro de escolas, que é caminho para uma educação escolarizada que dê aos alunos a possibilidade de “desenvolver posicionamento crítico que leva ao ato de resistência perante as opressões presentes na sociedade” (COSTA, 2015, p. 34).

E para isso, precisamos de uma escolarização que seja parceira da educação que existe antes dela e que se mantém, fora das escolas, em outros espaços de educação, como o Maracatu, enfrentando as violências de raça desde a chegada do colonizador, pois a escolarização sozinha

[...] não se preocupa em articular a resistência. Escolarizar consiste em um processo que visa homogeneizar. A escola desfaz os focos de resistentes e reforça a estigmatização quando não consegue enquadrá-los em suas categorias disciplinares. Outros espaços sociais revelam um caráter mais educativo que a instituição escolar por articularem com mais eficiência os atos de resistir ao sistema. A educação minimizada como sinônimo de escolarização não contempla a dimensão da resistência.

Olhando pela ótica da articulação da resistência, processos educativos acontecem em espaços onde as manifestações culturais afro-brasileiras se desenvolvem e se contrapõem aos discursos hegemônicos porque reconstróem identidades. Temos exemplos, entre tantos outros, nas rodas de capoeira e de samba, nas práticas dos terreiros de umbanda e candomblés, nos espaços do hip hop, onde saberes são articulados com a corporeidade e com as identificações do ser. (COSTA, 2015, p. 55)

Diante das complexidades do racismo no Brasil, é necessário que haja comprometimento de toda a sociedade para superá-lo, “afinal, o antirracismo é uma luta de todas e todos” (RIBEIRO, 2019, p. 15). É preciso reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade étnico-racial que nos constitui enquanto povo e banir todo o preconceito. E toda essa transformação somente será possível através da educação. É com ela que poderemos superar o racismo e romper com as colonialidades, aqui

compreendidas como a continuidade do pensamento colonial. Infelizmente, o racismo é cotidiano. Desse modo, nossa resposta também deve ser diária: educar é combater o racismo, preconceitos e promover a igualdade.

1.3 - A educação antirracista em território de Maracatu

O Maracatu, como se nota na primeira parte deste capítulo, por si só é espaço de educação antirracista. É território que produz, por meio da cultura popular, resistências e enfretamentos ao racismo. Considerando minhas vivências com o brincar Maracatu e com o projeto “Maracatu dos Sonhos”, conforme serão vistas no próximo capítulo, posso dizer que o Maracatu, de modo muito natural, educa as pessoas para as relações étnico-raciais e oportuniza em pessoas negras o empoderamento de si e do coletivo e o ressignificar suas identidades individuais e coletivas, o que, infelizmente, nem sempre a escola consegue fazer.

Oliveira (2020, p.10) destaca que “a escola é um lugar complexo com uma linha conservadora. Que há um modo de organizar a Educação tanto no espaço físico quanto no currículo, que é colonizador, predisposto à castração e à dominação.” De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2005)

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra [...] Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro (a), se designarem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Contudo, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo (BRASIL/MEC/SEPPPIR, 2005, p.15).

Refletindo sobre isso, o Maracatu é território que colabora com a (re)significação dessas identidades negras. E, conseqüentemente, é lugar que empodera. E isso, com base nas reflexões que trago no próximo capítulo, acontece também nas crianças. O Maracatu promove encontros e trocas de saberes. Promove uma educação que parte das experiências individuais e coletivas dos sujeitos.

Além, disso, o Maracatu, sempre pautado no respeito às diferentes culturas e pessoas, permite o encontro com o sagrado, com músicas, com danças, com saberes,

com valores e outros elementos da história e culturas africana e afro-brasileiras, como desejado pela Lei 10.639/03.

Sobre as crianças, já que é o foco deste TCC, por meio do brincar Maracatu elas têm a oportunidade de construir ou ressignificar as suas identidades individuais e coletivas, pois as identidades das crianças também se constroem no lugares em que elas estão inseridas. As crianças podem ainda adquirir autonomia e, por fim, se sentirem empoderadas. Ou seja, é cabível o entendimento de que o desenvolvimento das identidades, da autonomia e do empoderamento também se relaciona com as vivências cotidianas.

Nesse sentido, pensando o espaço do Maracatu, com base em minha prática docente, defendo que crianças, ao tempo em que brincam Maracatu também participam de uma educação antirracista, pois participam de vivências e processos que se pautam no respeito às outras pessoas, que garantem trocas de saberes em que elas também são escutadas com a mesma atenção que se escutas as pessoas adultas, que possibilitam o reconhecimento de diversidade cultural e outras ações.

CAPÍTULO 2 - O MARACATU E O EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS NEGRAS NA ESCOLA

2.1 - O Quiloo Maracatu de Santos/SP

Meu encontro com a cultura do Maracatu, do modo como a entendo e a defendo hoje em dia, se deu em 2013, no Quiloo Maracatu de Santos/ SP, carinhosamente chamado por Quiloo, somente.

O Quiloo foi fundado em 2003 pelo músico, produtor musical e Mestre de apito do referido Maracatu Felipe Romano, em parceria com a cofundadora Carol Real, que, além de brincante, também é professora e coordenadora da educação básica pela Prefeitura de Santos/SP. É o primeiro Maracatu da Baixada Santista², com sede instalada na Rua General Câmara nº 102, no centro Histórico da cidade de Santos, com a missão de fortalecer, manter, produzir e propagar, em toda a região da Baixada Santista, a cultura popular, ressaltando, por meio da cultura do Maracatu, lugares que perpassam manifestações e ancestralidades oriundas de África e da cultura nordestina, em especial a pernambucana.

O Quiloo, ao longo dos anos de sua existência, adquiriu importância tão singular dentro e fora da Baixada Santista que se tornou o primeiro Maracatu fora do estado de Pernambuco a participar, nos anos de 2010 e 2011, do Carnaval Multicultural do Recife: festividade de proporções gigantescas e importância ímpar para a cultura brasileira, conhecida em diversos cantos do planeta.

Caracterizado por promover um grande intercâmbio cultural, com artistas locais e nacionais, em festa que preza pela diversidade cultural e descentralização das festividades (ANDRADE, 2016), o referido carnaval, com esse nome desde 2001, após “remodelado o carnaval de Recife, sob a administração do então prefeito João Paulo (PT)” (GAIÃO; LEÃO; MELLO, 2014, p. 154), acontece em diferentes bairros e ruas da cidade, com eventos que se mostram democráticos e acolhedores, garantindo o encontro de pessoas de diversas localidades e regiões do Estado de Pernambuco e do Brasil.

² A Região Metropolitana da Baixada Santista, ou Baixada Santista, somente, criada por meio da Lei Estadual Complementar 815, de 30 de julho de 1996 é formada por nove municípios, dispostos em um território de 2.373 quilômetros quadrados. São eles Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente. É a primeira região metropolitana brasileira sem status de capital estadual.

Apesar de curta, a breve descrição do Carnaval Multicultural do Recife nos permite vislumbrar um pouco sobre a importância do Quilôa para as comunidades pertencentes à Baixada Santista. Certamente, não fosse uma instituição séria e comprometida com a cultura popular do nosso país, preocupada com a manutenção, produção e difusão do Maracatu e, conseqüentemente, com uma educação antirracista, não teria sido parte de um carnaval, também, tão comprometido e preocupado com a cultura popular brasileira.

Figura 2: Apresentação do Quilôa Maracatu no Carnaval Multicultural de Recife, 2010



Fotografia retirada do site <https://quilôa.maracatu.org.br> – autor desconhecido

O Quilôa integra a Nação do Maracatu Porto Rico e a Nação de Maracatu Encanto do Pina em Pernambuco³: dois grupos culturais de prestígio e significativa importância para a cultura do Maracatu em nosso país. Em sua trajetória, ao longo desses 20 anos de história, o Quilôa vem realizando atividades de pesquisas, estudos e intercâmbios que estão a garantir na Baixada Santista, em especial em Santos/SP, dentre outros ganhos e aprendizados, a presença de mestres e representantes da cultura pernambucana, como por exemplo, Mestre Toninho e Mestre Chacon Viana (Nação de Maracatu Porto Rico/PE) e o Contramestre Deivison Guian (Nação Encanto do Pina/PE), dentre outros. As figuras abaixo ilustram dois desses momentos:

³ Conforme informações presentes na página <https://nacaoportorico.maracatu.org.br/>, acessada em 19/09/2023, Nação Maracatu Porto Rico e Nação Maracatu Encanto do Pina são Grupos culturais de Pernambuco, comandados, respectivamente, pelo Mestre Chacon Viana e Mestra Joana Cavalcante, que agregam em si grupos culturais e artistas populares de Pernambuco e de outros estados brasileiros todos firmados pela sinergia construída com a força dessas duas Nações, que conseguem aglutinar esses atores entorno do propósito de afirmação de uma identidade étnica, cultural e religiosa.

Figura 3: Momentos de intercâmbio e trocas de saberes Quilola-Mestre Chacon Viana e Quilola-Contramestre Deivison Guian



Fotografias de Audrey da Luz

Além disso, desde sua fundação, o Quilola Maracatu realiza projetos culturais, cursos e oficinas, focados na prática de percussão e dança da cultura popular, proporcionando à comunidade da Baixada Santista, por diferentes modos, imersões à cultura do Maracatu.

Figura 4: Quilola em momentos de troca com a comunidade: imersão à cultura do Maracatu



Autores não identificados. Acervo do Maracatu Quilola

Retomando, foi no Quilola que percebi o quão potente e significativo o Maracatu se mostrar enquanto mantenedor, produtor e promovedor de uma educação antirracista. E foi também nesse espaço, à medida em que me construía brincante eicineira, que vislumbrei as primeiras possibilidades de oferecer ao meu grupo de estudantes da educação básica um contato com essa manifestação popular, certa de que esse seria um caminho válido para o exercício diário de práticas pedagógicas antirracistas no ambiente formal de escolarização, o que felizmente tenho averiguado ao longo dos anos em que aplico o projeto “Maracatu dos Sonhos”, de minha autoria, que terá sua descrição em tópico à frente.

Cabe dizer que passado um tempo em que estava no Quilooa, comecei a auxiliar no projeto para crianças de nome “Quilooa Mirim”, onde, juntamente com outros integrantes construímos e aplicamos uma oficina para esse público. Além de proporcionar às crianças o contato com habilidades musicais, em especial com o manuseio de instrumentos de percussão, o projeto se mostrou para mim, de modo muito natural, em suas ações, trocas de saberes, conversas cotidianas e práticas pedagógica, um lugar de educação antirracista. Para mim, a experiência foi incrível e bem significativa. Foi dela, aliás, que vi a possibilidade de uma educação antirracista de modo lúdico em ambiente escolar na educação básica.

Figura 5: Oficineiros e algumas crianças participantes do Quilooa Mirim, Santos/SP – 2016



Autor não identificado. Acervo pessoal

A partir daí, pouco a pouco compreendi a importância de desenvolver a cultura do Maracatu com crianças para que elas pudessem compreender um pouco da riqueza dessa manifestação. Esse foi o princípio da caminhada que trilhei para levar o Maracatu para a escola de educação básica.

Nesse momento, abro espaço, pois considero por bem registrar que sou professora de Educação Física, atuante na Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo desde 2006 e que sempre pensei e cumpri com minhas práticas docentes de modo a enfrentar o racismo. Ou seja, minhas experiências com a docência no enfrentamento ao racismo, somadas ao encontro e vivências no Quilooa, permitiram que eu vislumbrasse no Maracatu possibilidades pedagógicas de uma educação antirracista. Essas possibilidades, porém, só se tornaram realidade em 2018, conforme versarei mais adiante. Isso, depois de alguns embates e muitos diálogos com pessoas

responsáveis por estudantes, equipes gestoras e demais profissionais que atuam na escola.

2.2 - O Maracatu chega à escola. A escola acolhe o Maracatu

Como dito, meu ingresso no Quilôa despertou em mim o desejo de levar o Maracatu para dentro da escola formal de educação. O percurso trilhado até que isso se concretizasse, porém, não foi tranquilo. Por um período, em minha atuação docente nas escolas em que passei, não conseguia trabalhar a partir da prática do Maracatu: isso era visto de modo preconceituoso por pessoas responsáveis pelas e pelos estudantes e, até mesmo, por colegas docentes e equipes gestoras das escolas, mesmo, nessas ocasiões, eu tendo apresentado projeto e planejamentos de aulas que detalhavam o porquê da inclusão da cultura do Maracatu na escola a partir das aulas de Educação Física.

Cito aqui um desses exemplos, em uma escola que atuei como professora e vislumbrei trabalhar com educação antirracista a partir do Maracatu. A coordenadora pedagógica solicitou que eu entregasse um projeto por escrito, talvez um modo de dificultar o processo de implementação daquilo que eu almejava.

Eu cumpri com essa escrita, mas só fui obter um retorno dela, uma resposta negativa, depois de um mês que entreguei o documento. Na ocasião ela argumentou que um projeto como o meu não seria possível de ser concretizado no ambiente escolar, pois poderia gerar transtornos. Então, não o aplicar seria uma forma de poupar escola, equipe gestora e coordenação de eventuais problemas. Por diversas vezes a questioneei sobre quais seriam esses problemas e ela, sem explicar de fato, apenas dizia: “problemas com religião”. As questões são: qual religião? Problema com e para quais fiéis? Enfim, o preconceito racial pode aparecer de várias formas distintas, inclusive em argumentos como os dessa coordenadora.

Concordando com Costa (2015),

O racismo existente na sociedade brasileira foi constantemente silenciado, negado, ignorado, em favor do mito da relação harmônica entre as raças cujo objetivo é produzir uma memória nacional marcada pelo sentimento de pertencimento e coesão, relegando as culturas negras e indígenas à condição de subculturas, memórias subterrâneas na sociedade. (COSTA, 2015 p. 42).

Em 2018, contudo, tive uma oportunidade de trocar de Instituição de Ensino e passei a integrar uma escola do Programa de Ensino Integral– PEI⁴, na Escola Estadual Parque dos Sonhos, onde estou até hoje. Trata-se de estabelecimento de ensino localizado no bairro Jardim Nova República, no município de Cubatão/SP, na área de circunscrição da Diretoria de Ensino-Região Santos/SP. É uma escola que atende os cursos de ensino fundamental I (anos iniciais) e II (anos finais), em período integral, nos termos do PEI.

A Escola Estadual Parque dos Sonhos foi criada em 2013, construída em um conjunto habitacional cuja população deriva de diversas áreas de vulnerabilidade social e de risco da cidade de Cubatão/SP, que integram o chamado Projeto Serra do Mar⁵. Essas áreas são as seguintes: Cota 95, Cota 200, Cota 400, Vila Caíque, Grotão, Pinheiro do Miranda, Morro do Pinche, Morro do Índio, Vila Esperança e Água Fria.

Figura 6: Escola Estadual Parque dos Sonhos, Cubatão/ SP



Autor não identificado. Acervo da Escola Parque dos Sonhos, Cubatão/SP

Vale dizer que nessas áreas os valores essenciais e a boa convivência não evidenciava (em alguns casos, ainda não evidencia) caminhos que rumavam para uma educação de qualidade, o que colaborava com a cultura escolar de alunas e alunos pouco participativos no processo de ensino-aprendizagem aos quais estavam inseridos, haja visto que poucas eram as atividades pedagógicas que promoviam lúdica, prazerosa, inteligente, divertida, saudável e humanamente a construção dos conteúdos

⁴O Programa de Ensino Integral – PEI, da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo, tem como principal objetivo a formação de jovens autônomos, competentes e solidários, com destaque para o Protagonismo.

⁵O Projeto Serra do Mar é um Programa de Recuperação Socioambiental da *Serra do Mar* e da Mata Atlântica.

ministrados nas escolas. Isso, dentre outras qualidades que julgo importantes em processos pedagógicos.

A partir de 2015, a comunidade do bairro aderiu ao PEI, onde a Escola Estadual Parque dos Sonhos, em acordo com o seu Projeto Político Pedagógico– PPP (2021) passou a ter como objetivo o desenvolvimento de maneira integral do seu corpo discente, por meio dos aspectos intelectual, afetivo, social e físico. O ser humano pensado em todas as suas dimensões. A construção e compartilhamento de saberes dentro ou fora da escola. Ou seja: a escola passou de modo mais efetivo, a considerar a realidade que se vive fora dela, o que vai ao encontro do pensamento de Costa (2015)

Pensar a educação sob o ângulo do saber da experiência requer o distanciamento da noção que coloca o ato educativo como transmissor de informações para assumir a concepção de educar como processo de atribuição de sentidos ou de sem-sentidos a partir das experiências dos indivíduos. O sujeito não é mero receptor de saberes, mas sim aquele que permite em si a experiência, seja ela individual e/ou coletiva. Sendo o sujeito o criador do saber da experiência, então a educação é ato de criação. (COSTA, 2015, p. 57)

O modo como a Escola Estadual Parque dos Sonhos pensa e pratica a educação possibilitou a mim, quando da minha chegada nesse estabelecimento de ensino, a oportunidade de elaborar um projeto para ser desenvolvido com alunas e alunos do ensino fundamental, anos iniciais. Foi quando surgiu o “Maracatu na Escola” (2018), depois batizado como “Maracatu dos Sonhos” (2022), com referências ao nome da instituição e, enfim, a realização de um sonho pessoal, iniciando assim, em acordo com a Lei 10.639/2003, uma proposta pedagógica escolar em diálogo, também, com elementos pertencentes a culturas de matrizes africanas.

O projeto foi inserido e contemplado na disciplina de Cultura do Movimento e Linguagens Artísticas. A proposta foi acolhida por alunas e alunos e pela gestão da escola. Depois de muitos embates e uma caminhada curta, mas considerável, o Maracatu chegou na escola e a escola, finalmente, o acolheu.

Figura 7:Primeira turma do “Maracatu dos Sonhos” em momento de culminância de projetos: Tambores de Lata, em dezembro/2018



Fotografia de Helena Hora. Acervo pessoal

Um dado curioso, em acordo com as informações do IBGE (2014) é que o percentual de migrantes pernambucanos no município de Cubatão/SP é muito superior ao de migrantes vindos de outros estados brasileiros, esse volume não encontra paralelo em nenhuma outra cidade da região, é um fenômeno observado somente em Cubatão, e não na Baixada Santista (CBG- 2014). Ou seja, compreende-se que um número significativo de estudantes pertencentes à Escola Estadual Parque dos Sonhos, para além das vivências com o “Maracatu dos Sonhos”, já teve algum contato com o Maracatu, ainda que em histórias contadas por algum parente, o que reforça o empenho da referida escola em criar pedagogicamente diálogos com o cotidiano histórico, social e cultural de sua comunidade.

Com o tempo, evidenciou-se que a acolhida do Maracatu pela Escola Estadual Parque dos Sonhos foi fundamental para a implementação e execução do projeto “Maracatu dos Sonhos”, que ao longo desses seis anos de sua execução tem promovido uma educação antirracista e possibilitado o empoderamento individual e coletivo de todas as crianças, em especial das crianças negras, estudantes dos anos iniciais.

2.3 - O projeto “Maracatu dos Sonhos”

O “Maracatu dos Sonhos” é um projeto que se realiza desde 2018, com crianças de 6 a 12 anos, estudantes dos 1º aos 5º anos do ensino fundamental, da educação básica, da Escola Estadual Parque dos Sonhos, Cubatão/SP, com uma turma que agrega em média 60 alunos por ano.

O projeto está inserido em Cultura do Movimento que é uma disciplina pertencente à grade curricular da escola. Inicialmente o projeto tem como objetivo

principal o encontro da Arte e da Cultura, além de “despertar nos alunos: o interesse pela manifestação cultural pernambucana, Maracatu; e, o desejo de enfrentar individual e coletivamente o racismo”. Um projeto que almeja contribuir “com a construção de gerações de pessoas antirracistas, que não aceitam atitudes discriminatórias relacionadas à cor da pele, ao tipo de cabelo, à religião, dentre tantas outras. E nesse sentido, o estudo e prática da cultura do Maracatu de baque virado se torna uma ação direta no combate de tais discriminações.”

Trata-se de um projeto anual que se realiza por meio de oficinas. As oficinas são na sala de aula e, algumas vezes, no pátio externo da escola. Fazem parte das atividades, dentre outras, o trabalho com música, em especial percussão e canto; dança; teatro; e a leituras de textos diversos com referências aos saberes, culturas e histórias de povos negros. É um trabalho minucioso de educação antirracista que contribui com o enfrentamento do preconceito racial e religioso dentro da escola pública. O grupo de estudantes se divide em três núcleos: o da dança, o da batucada e o da corte. O da dança é o grupo que focado nos movimentos de cada música. O da batucada é o grupo responsável pelo desenvolvimento das Loas. E o da corte é o grupo que representa a realeza do Maracatu, com movimentos e posturas peculiares da corte.

Entre as atividades pertencentes ao calendário escolar, o “Maracatu dos Sonhos” proporciona às crianças do projeto a participação nos círculos de cultura, que são os momentos de fala, e a participação em apresentações por toda a Baixada Santista. Aliás, durante as festividades da Consciência Negra no colégio, esses estudantes tiveram a oportunidade de participar de um cortejo pelas ruas no entorno da escola, em 2022, o que para o grupo, considerando conversas que tive com estudantes, significou algo muito especial: a visibilidade de belezas, saberes, cultura e corpos negros.

O cortejo, para além da exposição de uma atividade artística, expôs estudantes, em especial as negras e negros, empoderadas e empoderados. Crianças negras felizes e orgulhosas por serem e viverem exatamente quem são. As imagens que seguem ilustram um pouco dessas atividades.

Figura 8: crianças que integram o “Maracatu dos Sonhos” em oficina de percussão.



Fotografia de Audrey da Luz

Figura 9: Cortejo do Maracatu dos Sonhos, 2022



Figura 10: crianças que integram o “Maracatu dos Sonhos” em ensaio do Quilola Maracatu



Autor não identificado. Acervo pessoal

Figura 11: crianças que integram o projeto e que compõem a Corte do Maracatu dos Sonhos no Cortejo do Quilola Maracatu Santos/SP - janeiro/2023



Fotografia de Elizabeth Romano. Acervo pessoal

Figura 12: participação de algumas crianças que integram o Maracatu dos Sonhos na Roda Cultural da Escola Estadual Júlio Conceição, Cubatão/SP – setembro/2023



Fotografia de Margareth Raphael. Acervo pessoal

Figura 13: Apresentação das crianças do Maracatu dos Sonhos em parceria com o Quiloma Maracatu no Instituto Federal de Cubatão/SP para o Ministro das Relações Internacionais Alexandre Padilha, abril/2023



Fotografia de Margareth Raphael. Acervo pessoal

Um ponto a ser destacado diz respeito às demandas de materiais que foram surgindo à medida em que o projeto foi ganhando corpo. A exemplo disso, instrumentos e figurinos disponíveis para serem utilizados durante as aulas e apresentações, uma vez que a escola não possui verba disponível para necessidades como essa.

Nesse sentido, o que para mim enriqueceu o projeto “Maracatu dos Sonhos” e fortaleceu a noção de que educação de qualidade se faz coletivamente, firmamos parceria, no ano de 2022, com o Quiloma Maracatu, que desde então, generosa e amigavelmente, auxilia e apoia o projeto “Maracatu dos Sonhos”, colaborando, por um lado, com empréstimo de instrumentos e apoio nas apresentações. E por outro, criando vínculos de muito amor, respeito e aprendizados com alunas e alunos da escola Parque dos Sonhos, participando diretamente de uma reflexão sobre a trajetória dos batuqueiros mais velhos que construíram os caminhos para os batuqueiros mais novos, que estão chegando para continuar o legado.

Posto isso, é necessário dizer que um projeto como esse não se realiza sem o apoio e parcerias de pessoas, profissionais e instituições engajadas e engajados em prol de uma educação antirracista, como o Quiloma. E isso, é algo tão importante que, aproveito esse TCC, que também se mostra como mais um registro desse projeto que tem caracterizado como um espaço de resistência em ambiente nem sempre acolhedor, que o “Maracatu dos Sonhos”, além da equipe gestora, tem o apoio de alguns professores e da coordenação da Escola Parque dos Sonhos. Dentre essas pessoas,

destaca-se a professora Margareth Raphael, também de Educação Física, que não mede esforços para apoiar, participar e ajudar de forma ímpar com as atividades realizadas ao longo do ano dentro e fora da escola. Uma parceria que tem somado força em lutas que são diárias.

Figura 14: Professora Margareth Raphael e eu: parceira no projeto Maracatu dos Sonhos



Fotografia de Margareth Raphael. Acervo pessoal

Essas parcerias, ainda que não seja uma totalidade, contribuem no fortalecimento e importância do Maracatu, enquanto lugar de educação antirracista, de resistência e de lutas que ainda se fazem necessárias no ambiente escolar. Os relatos abaixo, de colegas da escola, colhidos durante essa pesquisa, como parte dos procedimentos metodológicos, demonstram um pouco disso.

O Maracatu, além de ser uma expressão cultural é também resistência, uma forma de mostrar a diversidade que existe no nosso País, além das nossas raízes que foram um dos povos originários e que formou o povo brasileiro. Para mim a escola tem que ensinar de tudo desde esportes até a diversidade que existe na humanidade. O Maracatu está aqui na escola para mostrar para os alunos essa resistência e essa diversidade e mostrar que vai além de crenças culturais e religiosas, vamos além disso, que nós somos um povo, uma nação, uma cultura que estamos aqui para mudar esse mundo. (Diretor da escola, prof. Regis Marques Ribeiro)

Há uma similaridade entre Cubatão e Recife, no final dos anos 80, Cubatão era a cidade mais poluída do mundo e Recife era a pior para se viver, juntando a segregação, a má distribuição de renda, discriminação da cultura popular, até o mangue simbolizando a diversidade. E o Maracatu é isso, resgate de toda essa herança cultural, resistência e valorização da diversidade e quando se nega o Maracatu estamos negando a própria essência do país e vamos à contramão de tudo o que lutamos até hoje. (professor Luis Carlos, PCA da Escola Parque dos Sonhos)

Estamos muito felizes por esse momento aqui dentro da escola, onde as crianças podem ser elas mesmas, entendem o que é a Cultura do Maracatu e de onde vem. Pelo Maracatu uma vivência que transcende os muros da escola, enfrenta várias barreiras, saindo de Recife, e sabemos o berço da história e essa inovação que estamos tendo agora, nunca tivemos uma vivência onde as crianças têm prazer de estarem na aula, de conviver, e aprender não somente o convívio com o Maracatu, mas aprender de fato que é o Maracatu (professora Maria Cristina, PCA da escola Parque dos Sonhos)

Por fim, diante de tantas ações e aulas diversificadas com alunas e alunos que participam das atividades promovidas pelo projeto, e mais a identificação desses estudantes com algumas questões que dialogam com a cultura afro-brasileira dentro da escola, tenho percebido, desde que o “Maracatu dos Sonhos” foi implementado – ora em minhas observações durante as aulas e apresentações, ora em minhas escutas – que mudanças de comportamento aconteceram de modo positivo em crianças e outras pessoas pertencentes à comunidade escolar, em especial as negras, também por isso o recorte que optei por realizar neste TCC, como será visto no próximo tópico. Mudanças que evidenciam, dentre outras coisas, o empoderamento dessas crianças negras.

Percebo ainda, e essa não é uma afirmação minha apenas, desde a implementação do “Maracatu dos Sonhos”, que estudantes e suas e seus responsáveis e alguns profissionais da escola passaram a agir com indignação diante atitudes racistas no ambiente escolar. Com relação ao grupo de estudantes, essas atitudes atingiram proporções tão grandes que estão sendo notadas, de modo bem positivo, por docentes e equipe gestora da escola. Dados que evidenciam a potencialidade do Maracatu em parceria com a educação formal e os ganhos oriundo de uma educação antirracista.

Mas nem todos os dias são de festa e alegrias, neste mesmo lugar também senti na pele a discriminação, o preconceito religioso e o racismo, em abril de 2022 aconteceu à coroação da corte do Maracatu dos Sonhos, momento em que recebemos convidados vindos de Recife e do Maracatu Quilôa, após uma confraternização oferecida aos convidados, alguns professores da escola externaram que os alimentos oferecidos aos visitantes estavam com “Macumba” que não era para ninguém comer.

Em outro momento fui advertida por “atrapalhar” a aula de Português. Na ocasião, ouvi que era um “barulho” impossível de se trabalhar. Aceitei a crítica e após minha análise, deparei, como me ensinou o Mestre Felipe Romano, que quem não aceita o som do Tambor não entende a história contada por ele.

Outro momento triste e mais recente foi no dia 19 de outubro de 2023. Uma mãe responsável por uma criança que participava do “Maracatu dos Sonhos” alegou que ao assistir uma apresentação no dia 16 de outubro, que foi transmitida ao vivo pelo Youtube da Diretoria de Ensino de Santos, em comemoração pelo Dia do Professor, na qual a filha, dela estava dançando, viu que nós estávamos fazendo um “despacho”. Por

conta disso, ela procurou a equipe gestora da escola, retirou sua filha do projeto e preencheu uma Registro de Ocorrência, alegando, dentre outras coisas que “por se tratar de uma pessoa cristã, sua religião não permitia que participasse desse tipo de coisa (o Maracatu)” (fala extraída do Registro de Ocorrência).

A escola, nas pessoas da equipe gestora, tentou um diálogo com essa mãe, alegando que “a Escola não professa nenhuma crença, sendo então um espaço laico” (fala extraída do Registro de Ocorrência). Disse ainda que suas falas caracterizavam racismo e que por ser crime ela poderia responder por isso. Por fim, a escola versou sobre o projeto “Maracatu dos Sonhos”, apresentando, amparada na Base Nacional Comum Curricular (2018), todas as atividades desenvolvidas, mostrando que a mãe estava se valendo de inverdades em seus argumentos para a retirada da filha da atividade.

Sem adentrar mais nesse assunto, percebe-se que uma educação antirracista, ainda é lugar de ataques constantes por parte de pessoas mal-informadas e preconceituosas, que em algumas ocasiões se utilizam de suas religiões para justificar a prática de violências absurdas. Ao descrever estes momentos relembro das tristezas e das vezes que pensei em desistir. Mas ao refletir as palavras do Mestre Chacon Viana: “Se você acha que está difícil agora, imagina para os que vieram antes de nós e tudo o que eles passaram?”.

2.4 - Enegrecer: o empoderamento de crianças negras

Raiou,
 Foi à beira mar
 Ouço um baque virado
 Quiloa que vem a tocar.
 Segue seu caminho
 Apesar dos espinhos
 Tem a dança e o encanto
 No Baque das ondas do mar

Loa: Raiou, de André Viana

Figura 15: Professora e estudantes do “Maracatu dos Sonhos” após apresentação na Escola Parque dos Sonhos



Fotografia de Margareth Raphael. Acervo pessoal

Escolhi iniciar esse tópico com a Loa Raiou, de André Viana, seguida de uma imagem minha com meninas que integram o “Maracatu dos Sonhos”, como forma de dizer: sim, “O Maracatu dos Sonhos” é e continuará sendo resistência de educação antirracista que educa e empodera coletivamente crianças em atividades que promovem trocas de saberes que se pautam na horizontalidade. Como afirma Berth (2019),

o empoderamento é um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e se desconstróem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. (BERTH, 2019, p. 54)

A respeito de priorizar um empoderamento coletivo, me apoio na autora que coloca que:

há a importância de empoderar no âmbito individual, porém é preciso que também haja um processo conjunto no âmbito coletivo. Quando falamos em empoderamento, estamos falando de um trabalho essencialmente político, ainda que perpassse todas as áreas da formação de um indivíduo e todas as nuances que envolvem a coletividade. (BERTH, 2019, p. 153)

Também sobre o empoderamento na perspectiva da coletividade, Ribeiro (2018, p. 135-136) afirma que isso “significa o comprometimento com a luta pela equidade. Não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa.” E continua:

Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade na qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos. (RIBEIRO, 2018, p. 136)

Retomando, escolhi essa LoA e essa fotografia como ponto de partida por entender que esses seis últimos anos não foram feitos só de belezas, que o projeto teve e continua tendo de enfrentar muitos “espinhos”, como diz Viana, para seguir em frente, como nas descrições que fiz nos últimos parágrafos do tópico anterior. Mas que isso não tem impedido, como se vê na imagem, a visibilidade de uma série de resultados positivos oriundos do projeto, a exemplo do que se vê na fotografia: meninas negras felizes e empoderadas.

Dito isso, apresento neste tópico, a partir do lugar que enaltece o empoderamento de crianças negras que integram o projeto “Maracatu dos Sonhos”, algumas reflexões acerca dos dados que foram colhidos durante a pesquisa. Sobre isso, registro que metodologicamente a pesquisa se construiu por meio de alguns procedimentos: além de estudos bibliográficos sobre o tema da pesquisa, foram colhidos relatos de pessoas pertencentes à comunidade escolar que tem acesso ao projeto e aplicado um questionário com algumas crianças negras, que integram o “Maracatu dos Sonhos”. Para tanto, faz-se necessário uma observação referente ao recorte que se realiza neste estudo: o empoderamento de crianças negras.

É fato, embora este TCC não discorra sobre isso de modo mais direto e detalhado, que o projeto “Maracatu dos Sonhos” tem sido enriquecedor e positivo para todas as crianças que o integram e, por “tabela”, as demais crianças estudantes da Escola Parque dos Sonhos. O projeto, dentre outras definições, é espaço de educação antirracista. E esta, por sua vez, se direciona a todas as crianças e não somente as negras.

Seria incoerente querer combater uma série de violências raciais existentes dentro e fora do ambiente escolar com uma educação antirracista pensada e direcionada somente para grupo de estudantes não branco. Ou seja, a educação antirracista tem de ser para todas as pessoas e os resultados que se originam dela, consequentemente, vão atingir todas as pessoas também, não só as negras.

No entanto, o que reforça a importância do referido projeto e justifica eu focar meu olhar, neste TCC, no empoderamento dessas crianças, com o passar desses

últimos seis anos, pude perceber o quão significativo o “Maracatu dos Sonhos” tem sido especialmente às crianças negras. Isso é possível de ser verificado a partir de falas presentes em relatos das alunas e alunos, crianças dos 1º aos 5º anos do ensino fundamental; de pessoas pertencentes às famílias dessas crianças; de professoras e professores que lecionam para esses estudantes; e, ainda, da equipe gestora da Escola Estadual Parque dos Sonhos, como se vê, por exemplo, na fala de Eliete Aparecida, mãe do atual Rei do “Maracatu dos Sonhos” Heitor. Em bilhete enviado a mim, ela disse o seguinte:

Venho por meio deste, agradecer a existência do Maracatu dos Sonhos na escola onde meu filho estuda. Heitor Gabriel matriculado no 3º ano B conheceu o Maracatu através das aulas de Linguagem Artísticas e Cultura do Movimento da professora Audrey que tem a luta contra o racismo e trabalhou a ancestralidade do povo Preto, apresentou uma história onde o personagem é um menino preto e meu filho se reconheceu e passou a aceitar sua cor e cabelo, além de aceitar sua origem, assumiu o cabelo black e quis trançar.

Sua autoestima mudou hoje meu filho é o rei do maracatu e me incentivou a aderir as tranças e após a transição capilar eu também assumirei meu cabelo crespo com muito orgulho.

Gratidão!

Eliete Aparecida

Responsável do Heitor (Eliete Aparecida, 2023, em bilhete enviado para a escola)

Outro depoimento que ilustra o que defendo é o seguinte:

Eu sou a Anna Vitória, toco alfaia no Maracatu dos Sonhos, estou do 2º ano na escola. Eu acho o Maracatu muito legal porque ensina a luta contra o racismo. E outras coisas que são legais são que a gente lê histórias, a gente passeia, faz um monte de coisa. Eu também já toquei com o Mestre Chacon Viana do Recife. (Anna Vitória, 2022, aluna do Projeto Maracatu dos Sonhos).

Podem ser juntados a esses depoimentos algumas falas presentes nos questionários que foram aplicados na pesquisa. Das crianças que preencheram os questionários, apenas duas disseram não ter sofrido alguma atitude racista no ambiente escolar, o que para mim evidencia que as crianças possuem a noção do que é o preconceito racial e como ele pode se manifestar. Ribeiro (2019), ao retratar sua vivência escolar, fala que

Desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era “normal (RIBEIRO, 2019, p. 23)

Ela afirma ainda que “crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto as brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais – que é um lugar de privilégio – acabam acreditando que esse é o único mundo possível” (RIBEIRO, 2019, p. 24).

Questionadas como elas se sentiram com essas atitudes racistas, a maioria, não com essas palavras, exatamente, deixou claro que se incomodou e que foi afetada emocionalmente. Mas essas crianças também disseram que reagiram a essas atitudes, dentre outras ações, conversando com as pessoas que as ofenderam, procurando a direção da escola e relatando o ocorrido a pessoas responsáveis por elas.

Além disso, nos questionários as crianças expressaram um pouco de como se sentem em fazer parte do projeto, destacando que são felizes e se sentem bem por serem parte desse grupo. Também disseram um pouco do que tem aprendido. Dentre as falas que perpassam por lugares que ilustram o contato com instrumentos musicais de percussão, com a dança e com o canto, destaco as duas seguintes: “sobre o racismo, as Loas e que o Maracatu é a história dos negros” (Jadysa, 3º ano, 9 anos) e, “a não julgar pela religião” (Ester, 3º ano, 9 anos), o que demonstra empoderamento nessas crianças e os benefícios disso para todas elas.

Reproduzindo uma fala de Berth (2019)

Ora, se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum – ou alguns – elemento em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes. (BERTH, 2019, p. 52)

Essas falas e mais a minhas observações durante esses anos, mostram para mim, de modo positivo, o “enegrecer”, de adquirir poder, dessas crianças negras. Um exemplo que pode soar bobo, mas que é bem representativo disso, diz respeito a crianças negras que antes do projeto se mostravam acanhadas, e mesmo curvadas, em algumas situações dentro do colégio, e que hoje caminham e se comunicam com o corpo ereto, a cabeça erguida e o olhar nos olhos das outras pessoas.

Considerando os estudos que fiz, os dados que foram colhidos e mais minha relação com as crianças ao longo desses seis anos, me sinto confortável para dizer que o “Maracatu dos Sonhos” é lugar de empoderamento de crianças negras. Local onde elas se reconhecem “enegrecidas”.

CONCLUSÃO

Abro minha conclusão afirmando que esta pesquisa não se encerra com este TCC. Estou certa de que muitas outras reflexões podem ser feitas sobre o empoderamento de crianças negras e sobre as potencialidades do projeto de que tratei a partir da educação antirracista. Mas este foi o lugar que alcancei durante o meu processo de pesquisa.

Seguindo, voltando a pergunta guiou meus estudos: como o Maracatu, enquanto manifestação popular praticada em ambiente escolar, pode contribuir no empoderamento de crianças negras? Eu diria, considerando o que abordei nos dois capítulos, que o Maracatu é espaço de resistência e de lutas em prol das culturas, saberes e comunidades negras. É também espaço de educação antirracista e que só por isso tende a contribuir com crianças que têm contato com essa manifestação popular, como as que frequentam o projeto “Maracatu dos Sonhos”.

Do primeiro ano do “Maracatu dos Sonhos” até hoje, já passaram muitas crianças pelo projeto. Não tem sido um percurso de todo tranquilo: não é fácil desenvolver o Maracatu na escola. Mas quando refletimos historicamente sobre o ser pessoa negra, compreendemos que o povo negro sempre sofreu e sofre com a discriminação e com o racismo, porém continua resistindo e lutando por todas e todos. Ou seja, não podemos desanimar diante das dificuldades.

Podemos construir gerações antirracistas, que não aceitam atitudes discriminatórias relacionadas à cor da pele, ao cabelo, religião dentre tantas outras. E, ao tratarmos as Leis como uma reparação histórica ao que difunde o pensamento e ações racistas, o estudo da cultura do Maracatu de Baque virado se torna uma ação direta no combate de tais discriminações.

A educação antirracista precisa envolver toda a sociedade, não apenas as pessoas negras. Atitudes violentas e racistas dentro da escola nos levam a concluir que é urgente a existência de práticas como a descrita neste TCC. Não apenas para estudantes negros, pois é fundamental que estudantes brancos sejam capazes de reconhecer a diversidade de matrizes que transformam a cultura e tenham elementos para compreender culturas que podem eventualmente não conhecer. É preciso que estudantes sejam educados para reconhecer e lutar contra o racismo, sejam alunos negros, sejam alunos brancos, sejam alunos indígenas. Essa é uma luta de todos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDRADE, Rafael Moura de. A gestão pública do Carnaval do Recife. **Pol. Cult. Rev.** Salvador, 2016.
- ARGAÑARAZ, Eduardo Antônio Garcia. Ofluxo de migrantes pernambucanos no município de Cubatão/SP nos anos de 1970-1990. In: **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Anais. Vitória/ES. 2014.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.
- BRANDÃO, S. V, **Maracatu**. Poá: editor Estúdio Nobre, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial – SEPPIR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: Inep, 2005.
- _____. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. INRC do Maracatu Nação. **Inventário Nacional de Referências Culturais – IPHAN**. disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em 21/10/2023.
- CAVALLEIRO, E. **Racismo e Anti - Racismo na Educação** - Repensando Nossa Escola. São Paulo: Editora Selo Negro, 2001
- COSTA, Alberto Roberto. A Escolarização do Corpus Negro: processos de docilização e resistência nas teorias e práticas pedagógicas no contexto de ensino-aprendizagem de artes cênicas em uma escola pública do Distrito Federal. **Dissertação de Mestrado**. Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- Dicionário Ilustrado Tupi Guarani**. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br> . Acesso em 26/05/2023.
- FERRETI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. 2013. Edusp; Arché Editora, São Paulo. 2 edição.
- GAIÃO, B. F. da S.; LEÃO, A. L. M de S.; MELLO, S. C. B. de. A teoria do discurso do Carnaval Multicultural do Recife: uma análise da festa carnavalesca de Recife à luz da teoria de Laclau e Mouffe. **RAM, REV. ADM. MACKENZIE**, São Paulo, 2014.

LIMA, I. M. F, Maracatus-nação Resignificando Velhas Histórias. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

Maracatu Quiloa. Disponível em: <https://quiloa.maracatu.org.br/>Acesso em 26/05/2023.

OLIVA, A; DA CONCEIÇÃO, M. T. A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial: reflexões sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003. **Revista História Hoje**, 2023.

OLIVEIRA, E. D. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** Trilogia da Ancestralidade. Volume 1. Coleção X (Organização: Rafael Haddock-Lobo) 1 ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021.

_____.Corpo, Poética e Ancestralidade. ODEERE: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade.**2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA. L.D.A Corte dos Reis do Congo e os Maracatus do Recife. **Recife Ci. & Tróp.**, Recife,1999.

_____. **Estudos sobre escravidão negra.** Recife: Fundaj, 1988.